

NASCE A TELEVISÃO

“Um belo dia, de repente, ficamos sabendo que o Chateaubriand estava pensando em trazer a televisão para o Brasil. Aí há uma coisa engraçada! Talvez ele, num momento da vida, tenha pensado em fazer cinema. Devia ter pensado: o que seria melhor, cinema ou televisão?”⁽¹⁾

Realmente, Assis Chateaubriand parece ter, por volta de 1947 ou 1948, hesitado entre a televisão e o cinema. A realização de *Quase no Céu* (1948), primeiro longa-metragem dos Estúdios Cinematográficos Tupi, atesta esse fato. Nesse mesmo ano, uma outra experiência cinematográfica havia sido feita pelos Diários Associados: o curta-metragem *Chuva de Estrelas*, rodado originalmente em 16 mm. Este filme, que anos depois viria a ser exibido na própria TV Tupi, mostrava os maiores nomes do firmamento estelar do Sumaré: Lia de Aguiar, Hebe Camargo, Lolita Rodrigues, Wilma Bentivegna, Vida Alves, Pagano Sobrinho, e até mesmo alguns produtores tais como Túlio de Lemos e Walter George Durst.

No número 1 de *O Sumaré*⁽²⁾, jornal que noticiava a vida por trás dos bastidores das Emissoras Associadas, havia uma reportagem intitulada *Quase no Céu*, cujo texto registrava o surgimento de mais uma filial da empresa de São Paulo: Os Estúdios Cinematográficos Tupi:

“Periodicamente, como u’a mensagem cordial aos seus assinantes, o Diário de São Paulo, vespertino associado, enviava às cidades do interior a famosa ‘Brigada da Alegria’, o alegre conjunto de artistas da Rádio Tupi e da Rádio Difusora. Este ano, para variar, o grande matutino fez rodar, ainda em colaboração com as Emissoras Associadas, o filme *Chuva de Estrelas* que percorreu todo o Estado, com os aplausos entusiásticos de platéias superlotadas. *Chuva de Estrelas*, um musical de Oduvaldo Viana, contou com a participação de todos os componentes da ‘Brigada’ e, em vista do seu sucesso, ocasionou a fundação de mais uma empresa associada, destinada à indústria cinematográfica, com sede em São Paulo.”

Numa entrevista concedida ao *Diário da Noite*, Oduvaldo falava sobre a primeira produção dos Estúdios Tupan (conforme aparece no texto mencionado):⁽³⁾

“*Quase no Céu*, um assunto bem brasileiro, com tipos profundamente nacionais, debatendo problemas inteiramente nossos. Tudo em *Quase no Céu* é brasileiro. Ambientes, costumes, figuras, diálogo e música. Será o filme mais brasileiro feito até hoje. O tema é o amor à terra. O problema do homem no campo.”⁽⁴⁾

Quase no Céu, se não se constituiu na primeira de uma série de produções cinematográficas que deveriam sucedê-lo, representou ao menos um exercício de imagem, cujo sentido o próprio *O Sumaré* indicava:

“Produzindo cinema, as Associadas paulistas, estarão, igualmente, ainda mais habilitadas à prática da Televisão que já se anuncia para muito breve, na taba do Sumaré.”

Afora estas considerações, a fita talvez tenha sido também um teste para se ver a reação do público diante da figura real de seus ídolos, conhecidos apenas através de suas vozes. Mas o fato é que já em fins de 1948 o assunto televisão parecia ocupar grande parte das conversas no meio artístico radiofônico. Se alguns acreditavam que ela logo viria fazer parte da vida cultural do país, outros achavam tratar-se apenas de um sonho remoto; embora anunciada, a televisão tornara-se uma piada para alguns e os que acreditavam no advento da maravilha do século eram chamados de televisionários. Para outros, ela ameaçava transformar-se num pesadelo; os donos de belas vozes temiam o confronto do público com sua imagem física que nada tinha dos galãs ou sedutoras mulheres sugeridos através do rádio. Discussões à parte, em abril de 1949, o *Sumaré* anunciava pomposamente: “S. PAULO, AINDA ESTE ANO, TERÁ TELEVISÃO.”⁽⁵⁾

Em linhas gerais, segundo o conceito que dela se fazia naquela época, a televisão poderia ser resumida como um “invento miraculoso”, que combinava “a complexidade do cinema com a do rádio” e “teatro”, criando “uma nova modalidade de arte”. Sabia-se que seus estúdios assemelhavam-se aos de cinema, com suas câmeras, refletores, cenários e toda uma aparelhagem “mágica, ultracomplexada para o leigo”. De certa forma, isto resume tudo o que se falava sobre a “notável invenção”; o resto eram frases de arrebatamento e

(1) Depoimento de Walter George Durst ao IDART, São Paulo, novembro de 1976.

(2) Outubro de 1948, p.9.

(3) Nos artigos, reportagens e notas publicadas em jornais e revistas da época ocorre uma variação quanto ao nome definitivo dos Estúdios que ora aparece como Tupi ora como Tupan. Por ocasião do lançamento do filme, os cartazes publicitários anunciavam *Quase no Céu* como uma produção dos Estúdios Tupi.

(4) Oduvaldo Viana na Direção de uma Cia. Cinematográfica, *Diário da Noite*, São Paulo, 27 de maio de 1948.

(5) *O Sumaré*, nº 7, abril de 1949, p.5.